

A área central dos aglomerados urbanos do noroeste de Portugal

*José Alberto Fernandes
Luís Paulo Martins*

A área central é, inquestionavelmente, a parcela da cidade mais facilmente individualizável e, pelas suas características, a mais significativa nas relações que se estabelecem entre o aglomerado e a sua área de influência.

A nossa principal preocupação será pôr em destaque as características mais marcantes destas áreas para as principais cidades do Noroeste de Portugal, tendo por base o estudo da ocupação funcional de cada uma delas.

Para lá de uma utilização do solo não residencial particularmente intensa, que se manifesta nomeadamente através de um grande número de montras, painéis de propaganda, do colorido dos reclamos luminosos, ou ainda dos fortes contingentes peatonais, cada indivíduo, na sua forma particular de ver a área central, associa-lhe o trabalho, o lazer, as compras, a visita ao médico ou a consulta ao jurista.

É, assim, fácil reconhecer onde a concentração e especialização da oferta adquirem características únicas no âmbito do espaço urbano, muito embora a diluição que se processa na faixa peri-central crie, por vezes, dificuldades na definição da amplitude espacial da abordagem.

A individualidade que assume é também amplamente justificada pelas fortes relações que se estabelecem tanto como aglomerado urbano, como com a sua área de influência e que afectam de modo determinante os estabelecimentos, de tal modo que, regra geral, a uma maior intensidade de trocas e solicitações corresponde uma oferta mais diversificada e especializada.

Da competição entre os diferentes tipos de ocupação funcional na procura da sua localização «ideal», resulta um forte dinamismo da área central, animado ainda pelas mudanças das preferências, dos hábitos, ou do poder de compra dos consumidores, o que se reflecte na viabilidade económica dos estabelecimentos.

As substituições de afectação deste solo valioso sucedem-se com grande rapidez, sendo pouco habitual uma qualquer superfície permanecer vacante por longo período de tempo. Por outro lado, as actividades económicas reagem também, de forma evidente, a qualquer factor que altere as condições de acessibilidade: uma rua que passa a suportar em exclusivo o tráfego de peões ou uma via que é aberta, por exemplo, conduzem a rearranjos na ocupação funcional e podem até contribuir para a migração de uma área central.

Se os aspectos aflorados conferem, por si só, uma certa identidade às áreas centrais, ela manifesta-se ainda através da vivência social e cultural, constituindo o foco de difusão de ideias e decisões, comandando a «moda» e a vida político-administrativa.

Individualizáveis no contexto intra-urbano, as áreas centrais dos principais aglomerados do Noroeste de Portugal apresentam, por outro lado, manifestas diferenças entre si, o que confere a cada uma delas um carácter próprio.

A escolha dos aglomerados urbanos tratados no presente trabalho foi feita com base na hierarquização concebida a partir do estudo do comércio a retalho¹. Foram tomados em consideração os que ocupam posição cimeira na hierarquia estabelecida, à excepção daqueles a que a vizinhança do Porto retira pertinência à sua inclusão (Vila Nova de Gaia e Matosinhos).

O levantamento funcional das áreas centrais do Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim e Barcelos permitiu a recolha de informação sobre o número, tipo e localização de cada unidade funcional, adoptando-se como unidade espacial de referência o quarteirão e como base de classificação a C.A.E.².

A delimitação das áreas centrais foi traçada, à partida, entre quarteirões de características funcionais distintas, periféricos ao centro. Em muitos casos, contudo, alguns quarteirões revelavam diferenças particularmente significativas na ocupação funcional por fachada, expressas no número de estabelecimentos e sobretudo na diversidade das actividades encontradas. Sempre que a sua dimensão o permitia, optou-se por incluir estes quarteirões de transição na área central considerada; perante uma excessiva extensão, procedeu-se a uma subdivisão, por forma a excluir a parte do quarteirão cuja débil ocupação terciária impedia que se tomasse por integrante da área central.

Para uma primeira leitura comparativa das áreas centrais, optamos por relacionar o número de estabelecimentos com o perímetro.

¹ MARTINS, L. P. - *Níveis Urbanos no Noroeste de Portugal*, Porto, ORTNOP-INIC, 1985.

² Instituto Nacional de Estatística - *Classificação das Actividades Económicas Portuguesas por Ramos de Actividade*, Lisboa, Revisão 1, Série Normas, n.º 6, 1973.

Quadro I - ESTABELECIMENTOS POR RAMO DE ACTIVIDADE, POR ÁREA CENTRAL

	INDÚSTRIA		GROSSISTA		COM. DIÁRIO		COM. NÃO DIÁRIO		CAFÉS REST./SEG.		BANCOS SEGUROS		TRANSP. COMUNIC.		SERV. PES. EDMÉST.		SERV. PREST. A EMPRESAS		ENSINO CULTURA		ADMINIST.		ASSOCIAÇÕES		SAÚDE		DIMENSÃO INTENS.H								
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%							
PORTO	333	8.7	461	12.0	84	2.2	246	32.6	71	7.1	47	3.8	100	2.6	224	5.9	387	10.1	80	2.1	1.8	47	1.5	15	4.8	332	8.7	827	8.5						
BRAGA	24	2.2	117	1.8	1.6	44	3.7	4.0	523	47.6	74	8.0	22	4.9	8	1.0	103	7.1	9.4	80	4.0	7.3	10	4.5	0.6	12	8	1.4	1.7	24	4.4	69	6.3	1098	19.2
GUIMARÃES	6	1.2	39	1.4	31	1.8	5.4	304	44.0	85	5.3	10.7	19	3.2	125	1.2	47	2.6	10.3	24	2.1	5.8	1	1.0	9	1.6	14	1.0	3.5	25	1.1	8.8	691	7.4	5.1
PÓVOA	19	1.2		11.0	27	6.2	5.1	218	43.5	57	17.0		3.8		2.0	26	9.4	13	4.8		0.3		2.5		3.2	19	5.0	3.1	501	4.3					
VIANA		3.4		2.7		8.2	126	35.5		14.9		3.7		3.4		7.3		5.9		1.5		3.0		3.9		5.8	355	3.5							
BARCELOS..		5.8					118	35.9		17.3		3.3		1.5		7.9		4.0						3.0				329							

(*) Estabelecimentos/100 metros de fachada

José Alberto Fernandes

A informação assim tratada permitiu avaliar a intensidade da ocupação funcional do solo (quadro 1), a par da avaliação da dimensão global e sectorial dessa ocupação - número total de estabelecimentos e percentagem por conjunto de actividades (figura 1).

Foi possível constatar, desde logo, uma diferenciação nítida entre a importância relativa das áreas centrais, designadamente entre as do Porto e Braga e as restantes, o que evidencia o papel fundamental destas duas cidades no contexto do Noroeste.

Se os valores da intensidade funcional traduzem o significativo preenchimento das áreas centrais de ambas (18.5 e 19 estabelecimentos por 100 metros de fachada, respectivamente), ao serem comparados os números totais de estabelecimentos, ressalta a diferença entre elas (Porto - 3827 e Braga - 1098). Relativamente às demais áreas centrais verifica-se uma clara diferenciação nos valores tanto da intensidade, como da dimensão funcionais.

Na área central do Porto e Braga avulta a fraca percentagem de unidades de comércio a retalho diário, enquanto no que respeita ao comércio não diário, a percentagem é elevada, particularmente em Braga onde a existência de numerosas e amplas superfícies com grande número de pequenos estabelecimentos comerciais, em muito contribui para explicar o valor encontrado (note-se que nos últimos anos se assistiu à abertura de sete centros comerciais nas imediações do centro, entre os quais pontificam os da Avenida, Santa Cruz e Rechicho). Se nesta cidade a elevada intensidade da ocupação funcional se justifica pelo avanço desta para o «miolo» dos quarteirões, no Porto as causas que justificam os valores encontrados radicam sobretudo na forte ocupação vertical dos edifícios (com a consequente segregação para a periferia da residência e outros usos do solo menos competitivos).

A elevada percentagem de cafés, restaurantes e hotéis na Póvoa de Varzim e Barcelos será o resultado de realidades distintas: na primeira o elevado número de unidades de acolhimento (bem como restaurantes e confeitarias) deve-se sobretudo ao seu papel de importante centro de turismo; na segunda, a íntima relação da cidade com a sua área de influência (lembre-se que aqui tem lugar uma das mais importantes feiras do Noroeste), origina um elevado número de cafés, bares e tabernas.

Os valores encontrados para os serviços de natureza financeira (bancos, seguros e imobiliárias) e profissões liberais (serviços prestados às empresas / saúde) tem tanto mais importância quanto maior o aglomerado - veja-se, nomeadamente, o seu peso percentual nos casos do Porto e de Braga. Um maior significado dos serviços de natureza financeira na Póvoa do que a sua dimensão justificaria, explica-se

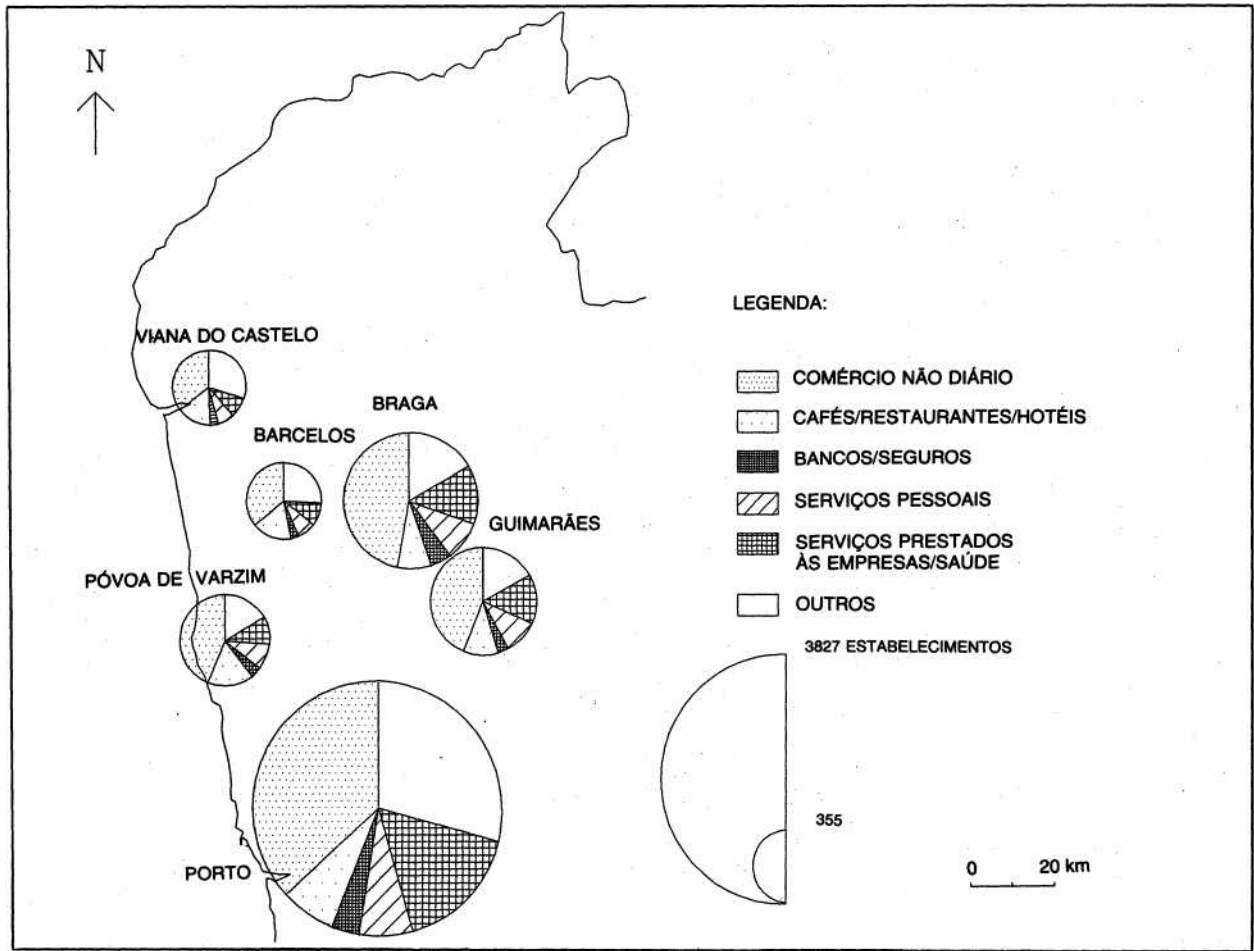


Fig. 1 - Dimensão e tipo de ocupação funcional nas áreas centrais

essencialmente pela assinalável quantidade de empresas imobiliárias detectadas, que exploram as potencialidades turísticas da cidade. Em Guimarães, entretanto, o elevado número de consultórios médicos e outros serviços de saúde fazem com que as 'profissões liberais' constituam o segundo conjunto em importância na área central (figura 2).

Em Viana do Castelo é particularmente significativo o comércio grossista, o que leva a pensar no papel do aglomerado urbano como entreposto de um vasto «hinterland» (Ribeira-Lima e Ribeira-Minho) e nas consequências da proximidade da área central do rio e do porto.

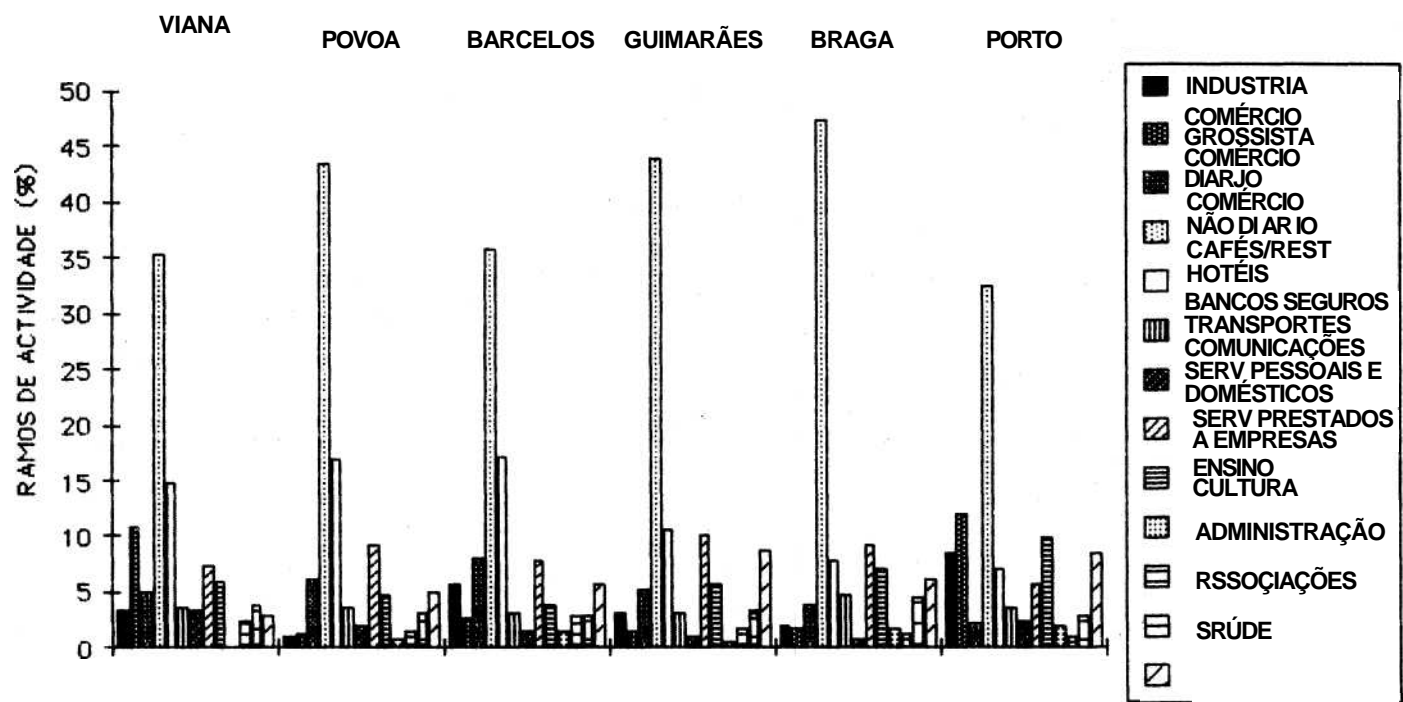
A reduzida intensidade da ocupação funcional da área central desta cidade e, em menor grau, das de Barcelos, Póvoa e até Guimarães traduz, obviamente, uma menor pressão sobre o espaço construído, que se manifesta através da permanência da residência na ocupação da maioria dos pavimentos.

Tratadas agora isoladamente as áreas centrais, por forma a verificarmos como se distribuem internamente os estabelecimentos, consideramos os conjuntos de actividades indicadoras de uma maior especialização, que por isso necessitam de uma maior clientela potencial (logo, de uma posição central).

Destaca-se no Porto, na «Baixa», a existência de duas áreas que apresentam uma considerável concentração de comércio a retalho não diário, onde se verifica, em alguns quarteirões, um número de estabelecimentos, deste conjunto de actividades, próximo ou mesmo superior a metade do total (figura 3 A). A primeira define-se junto às ruas de Santa Catarina, 31 de Janeiro e Sá da Bandeira; a segunda, de menor extensão, abarca a Rua dos Clérigos e parte da Rua das Flores.

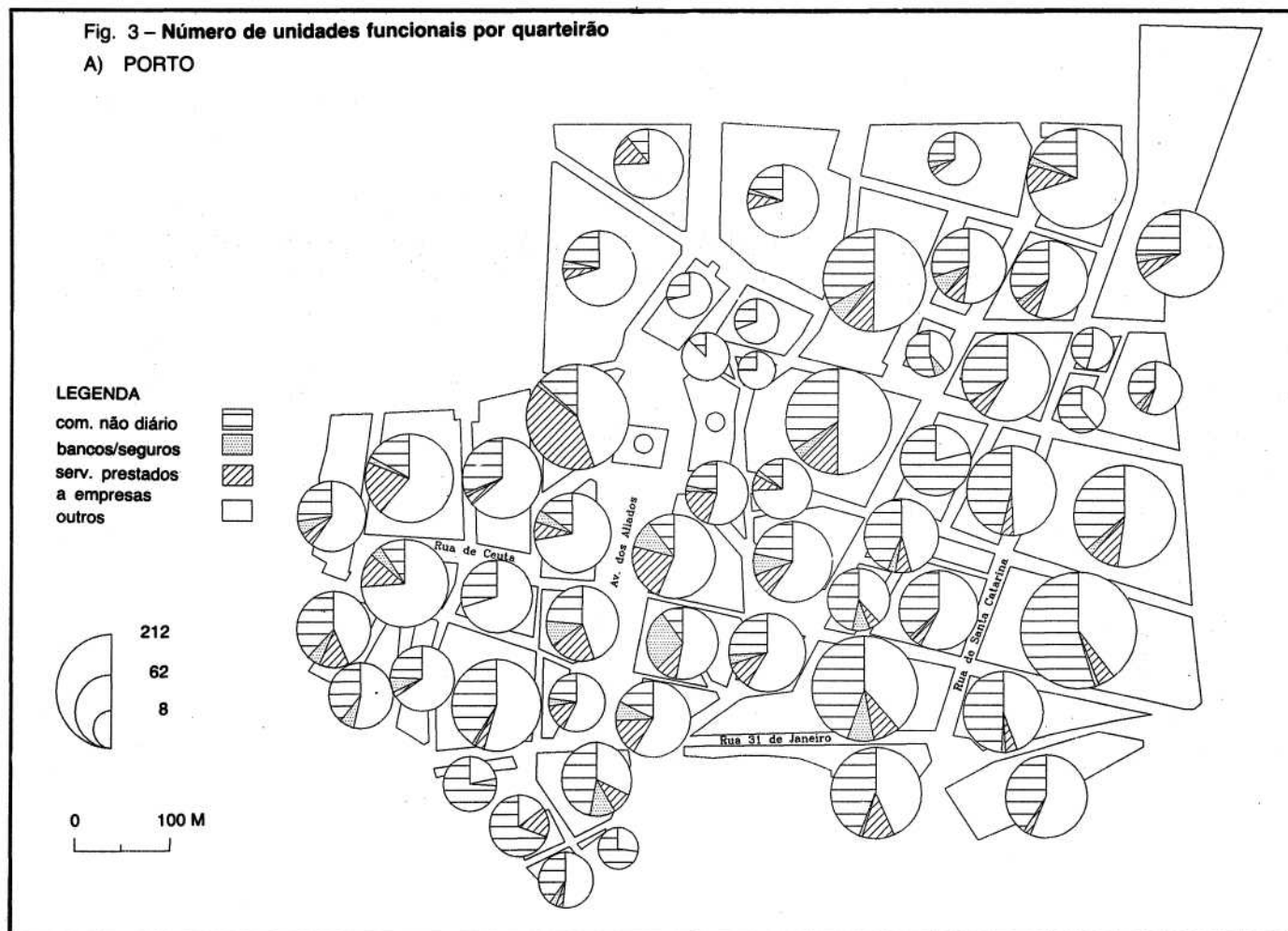
Directamente relacionados com esta ocupação comercial particularmente intensa, são evidentes os consideráveis fluxos peatonais, que instaram à adopção de medidas disciplinadoras do tráfego, nomeadamente a criação de alguns espaços destinados à utilização exclusiva por peões (e transportes públicos), a exemplo das ruas de Santa Catarina e Sá da Bandeira (tramos meridionais) e 31 de Janeiro. Esta medida tem oferecido melhorias sensíveis no conforto dos peões e quando implementada em ruas adjacentes, habitualmente congestionadas, parece ter conduzido a uma maior atractividade destes espaços e, logo, a uma mais intensa competição pelo solo como é disso exemplo as ruas de Santo Ildefonso e Santo André.

Apesar de não existirem na «Baixa» portuense «centros comerciais» como os que recentemente têm vindo a ser abertos em diversos pontos da cidade ou noutros aglomerados, merece referência a penetração da ocupação funcional para o interior dos quarteirões, na procura de uma maior rentabilização do solo, adaptando-se ao formato do lote (estrito e profundo), adquirindo uma configuração idêntica às



José Alberto Fernandes

Fig. 2 - Ramos de actividade nas áreas centrais



«ilhas», com o seu extenso corredor e forte compartimentação (caso do n.º 384 da R. de Sta. Catarina).

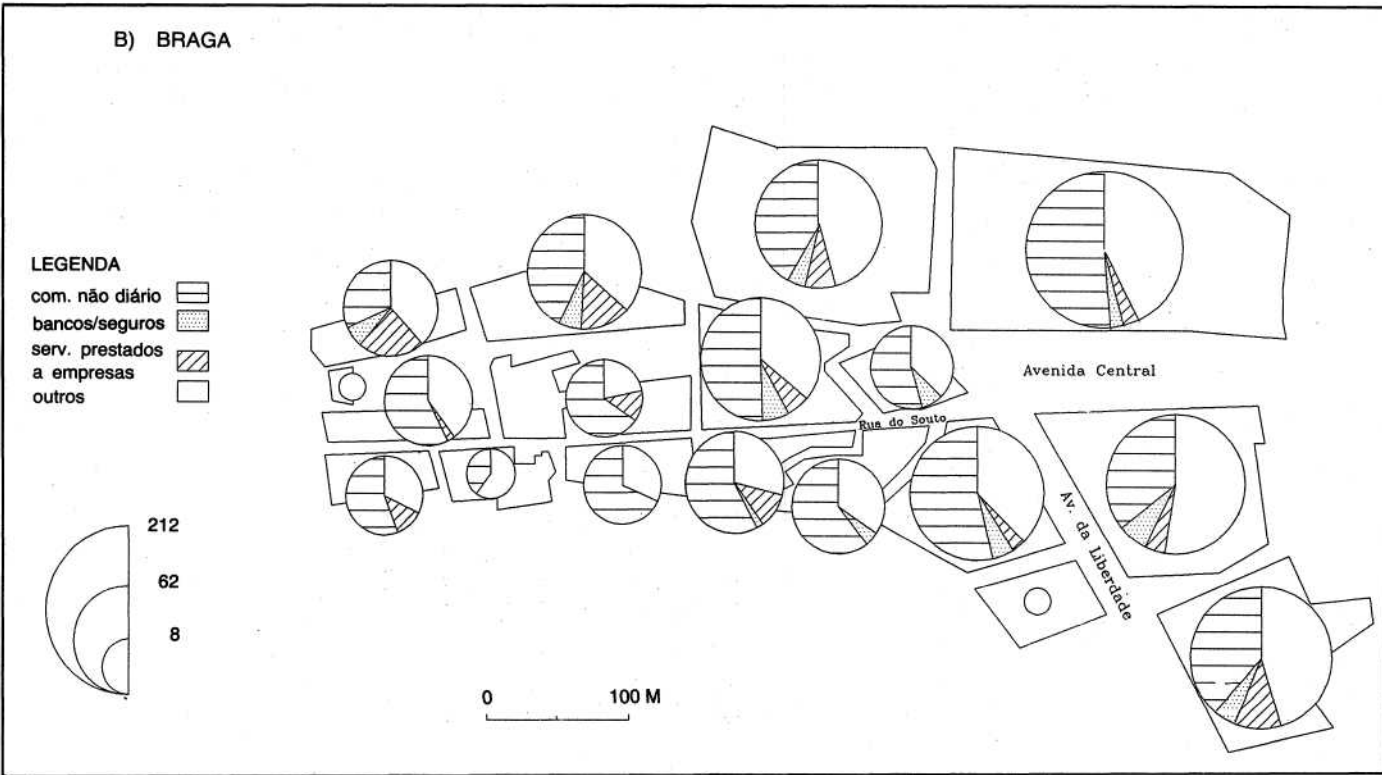
Nestas áreas, nota-se também a proximidade entre unidades funcionais do mesmo tipo, procurando atrair o consumidor e facilitando o reconhecimento dos locais onde este pode encontrar determinado bem ou serviço, minimizando deslocações. Entre os exemplos mais significativos, realcem-se as concentrações de pronto-a-vestir em Santa Catarina, sapatarias em 31 de Janeiro e ourivesarias na Rua das Flores.

Junto à Avenida dos Aliados e tramo sul da Rua de Sá da Bandeira, por outro lado, a significativa concentração de dependências bancárias e de empresas seguradoras, faz com que a percentagem deste conjunto de actividades seja elevada, chegando alguns quarteirões a registar um número próximo da metade do total, o que evidencia o prestígio de uma localização próxima da Avenida dos Aliados.

Se bem que as unidades de 'serviços prestados às empresas' sejam as menos significativas de entre as consideradas, é evidente uma maior incidência nos quarteirões menos ocupados por comércio, do que resulta uma distribuição semelhante à do conjunto 'bancos e seguros', evidenciando a preferência deste conjunto de actividades por um posicionamento próximo do centro e revelando ainda interesse pela ocupação de edifícios de data relativamente recente, melhor aparelhados para servir as necessidades dos utentes (proporcionando um acesso mais rápido aos pavimentos superiores) e mais facilmente subdivisíveis em numerosos escritórios e consultórios (quando não expressamente concebidos para o efeito).

Na área central de Braga, o comércio a retalho não diário predomina entre os grupos de actividade considerados e engloba mais de metade dos estabelecimentos existentes na maioria dos quarteirões. Aos de maior dimensão corresponde um número de estabelecimentos extremamente elevado (só comparável ao de alguns quarteirões do Porto), o que se justifica pela existência de centros comerciais que congregam largas dezenas de pequenos estabelecimentos e preenchem uma reduzida parte das fachadas dos quarteirões - nos maiores quarteirões da área central existem sete dos nove centros comerciais que Braga possui (figura 3B).

Aqueles quarteirões que apresentam um número de estabelecimentos de comércio a retalho não diário inferior a metade do total têm uma posição periférica (junto ao Campo da Vinha e a nascente da Avenida da Liberdade), resultado em grande medida da abertura de consultórios de advocacia, gabinetes de contabilidade e afins, em edifícios construídos nas últimas décadas. Isto acontece porque estes imóveis constituem alternativa a outros, mais antigos, onde se man-



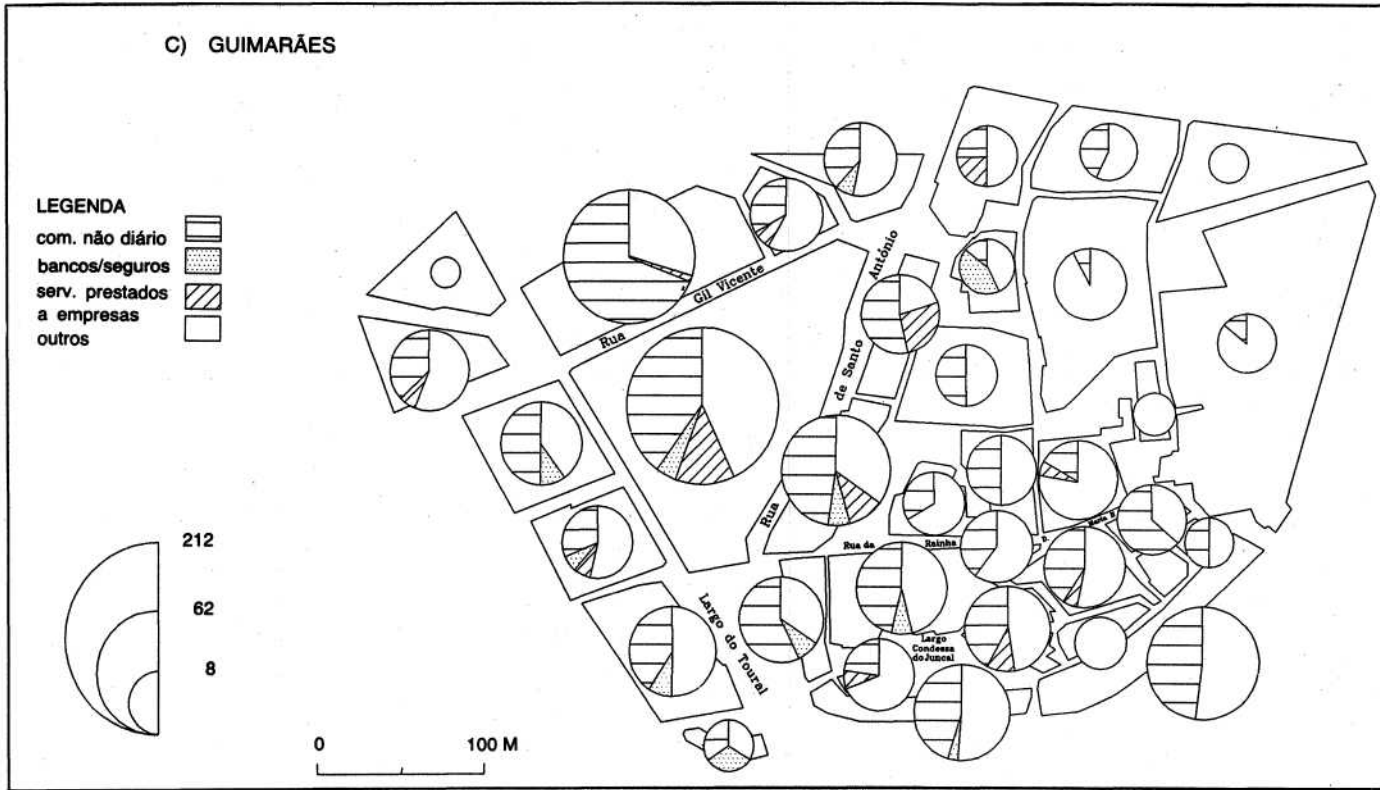
A área central dos aglomerados urbanos do noroeste de Portugal

tém uma significativa ocupação residencial que, regra geral, é tanto maior quanto menor a cidade. Uma outra razão, a que já se aludiu, prende-se com o facto de diversas funções centrais, designadamente o conjunto das profissões liberais, preferiram ocupar os novos edifícios, cujas condições lhes possibilitam transmitir uma imagem de modernidade e eficiência.

A banca e a actividade seguradora (como os serviços prestados a empresas), denotam na sua distribuição espacial uma preferência pela proximidade de praças e eixos de aferência, mantendo contudo o interesse numa localização junto à rua comercial por excelência - a Rua do Souto - a única da cidade vocacionada exclusivamente ao tráfego peatonal. Nesta rua, merece referência especial a concentração de estabelecimentos que se dedicam ao comércio de artigos religiosos e atestam a importância da função religiosa da cidade. Parece-nos igualmente significativo o facto de, mau grado a profusão de lojas de pronto-a-vestir e de comércio de malas e carteiras pelos numerosos centros comerciais, na Rua do Souto (parte oriental) permanecerem duas das lojas de maior renome na oferta destes produtos, enquanto que na parte ocidental é evidente a concentração de ourivesarias.

Em Guimarães é ainda mais evidente que em Braga a fraca atratividade do centro histórico para a instalação de bancos, seguros e actividades prestadas a empresas, decorrente do facto de as restrições à edificação e às alterações do edificado, da vetustez dos edifícios e das características do traçado viário, não corresponderem às exigências deste grupo de actividades. Verifica-se, assim, a sua fixação em prédios de construção relativamente recente, situados em vias largas e rectilíneas (ruas de Santo António, Gil Vicente e Paio Galvão), ou na praça de maior prestígio (o Toural), a sudoeste do centro histórico, área onde se concentra a maioria dos quarteirões em que o conjunto dos estabelecimentos mencionados constitui mais de metade do total (figura 3 C).

A diferenciação funcional entre o centro histórico e a parte ocidental da área central expressa-se ainda pelo facto daquele apresentar um grande número de estabelecimentos vocacionados à prestação de serviços pessoais ou domésticos (reparação de calçado, barbearias, etc.) que se relacionam directamente com a população que aí reside. A oeste, este tipo de serviços é menos vulgar e a maior competição pelo solo leva não só a um maior aproveitamento dos andares superiores dos edifícios, como ao recurso a soluções do tipo «centro comercial». Esta diferenciação espacial exprime-se ainda por, na primeira das áreas, ser fraca a especialização e relativamente reduzida a dimensão dos estabelecimentos existentes, enquanto na segunda, é maior a diversidade e a dimensão e melhor a apresentação dos produtos e a imagem das empresas de serviços.



A área central dos aglomerados urbanos do noroeste de Portugal

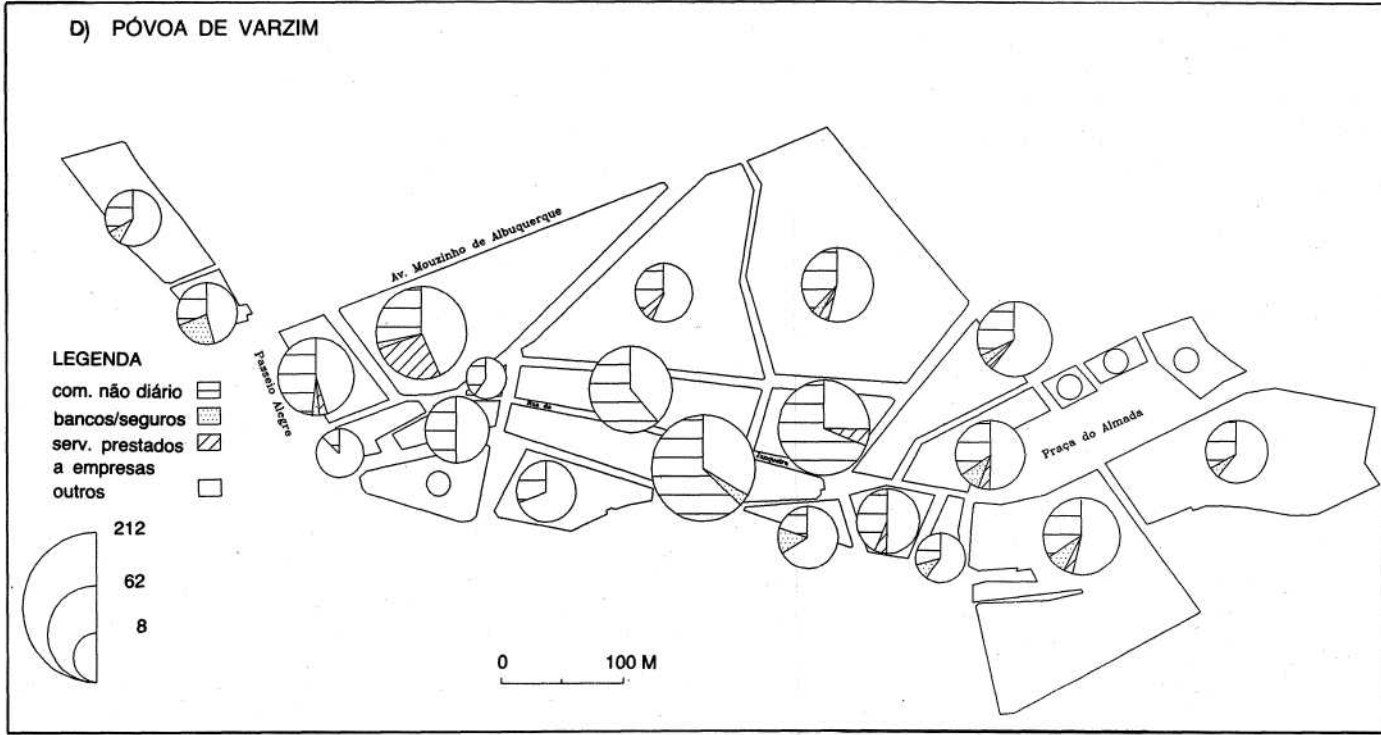
A área central da cidade de Póvoa de Varzim desenvolve-se apoiada em dois núcleos bem definidos, ligados por vias rectilíneas, sensivelmente paralelas, o que lhe confere um formato alongado. No extremo oriental, junto à Praça do Almada, define-se um deles, cujo significado lhe advém da proximidade da estação terminal da linha da Póvoa e da Estrada Nacional n.º 13 e também por aí se situar a sede do poder municipal. Junto ao mar, no extremo oposto, desenvolve-se um outro, mais moderno, cuja relação com o turismo é evidente. Entre eles, unindo-os e articulando-os, destaca-se entre outras a Rua da Junqueira, onde se situam muitos dos prontos-a-vestir, ourivesarias e confeitarias da cidade (figura 3D).

Em qualquer dos dois extremos, para lá do comércio, é igualmente importante a ocupação do solo por parte de serviços de natureza financeira e de serviços prestados às empresas - mas sem que o total de estabelecimentos se aproxime do dos quarteirões situados entre ambos. Uma importante diferença entre eles, resultado da vocação diversa que esteve na sua origem, diz respeito a uma maior ocupação da Praça do Almada por dependências bancárias (se bem que em menor número do que há algum tempo atrás) e agências de seguros, enquanto que grande parte das numerosas empresas imobiliárias existentes na Póvoa de Varzim se fixaram junto à Avenida dos Banhos.

Relativamente ao conjunto de funções centrais agrupadas em serviços prestados a empresas, é digna de nota a significativa concentração na Avenida Mouzinho de Albuquerque, onde ocupam importante parte dos pavimentos superiores dos edifícios aí construídos nas duas últimas décadas.

A área central de Viana do Castelo, de reduzida dimensão, corresponde em grande medida ao núcleo medieval e grande parte das actividades económicas (sobretudo de comércio não diário) utilizam os edifícios nela existentes e, particularmente, os situados no seu perímetro. A intensidade da ocupação é contudo relativamente fraca e neste contexto salienta-se apenas uma certa aglomeração junto à Praça da República (onde se situa a Câmara Municipal) e na Avenida dos Combatentes (cuja compleição e posicionamento tem vindo a atrair uma crescente ocupação funcional). Relativamente a esta avenida que assegura a ligação entre o rio e a estação de caminho-de-ferro, merece realce o número de dependências bancárias, consultórios e escritórios, assim como a significativa diversificação e especialização comercial, sustentada pelo turismo, sobretudo o proveniente da Galiza (figura 3E).

Em Barcelos, a importância da feira fica bem patente na proximidade das dependências bancárias (e das poucas agências de seguros existentes) do largo onde esta se realiza (figura 3F). O comércio não diário, tal como os serviços prestados a empresas, apresentam uma

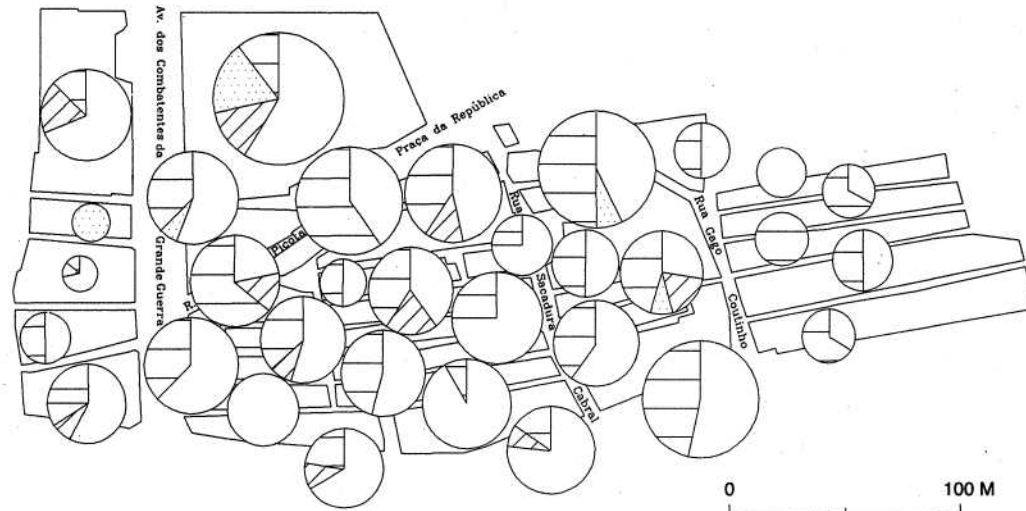
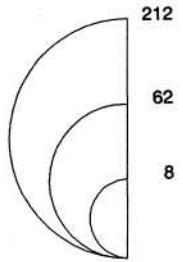


A área central dos aglomerados urbanos do noroeste de Portugal

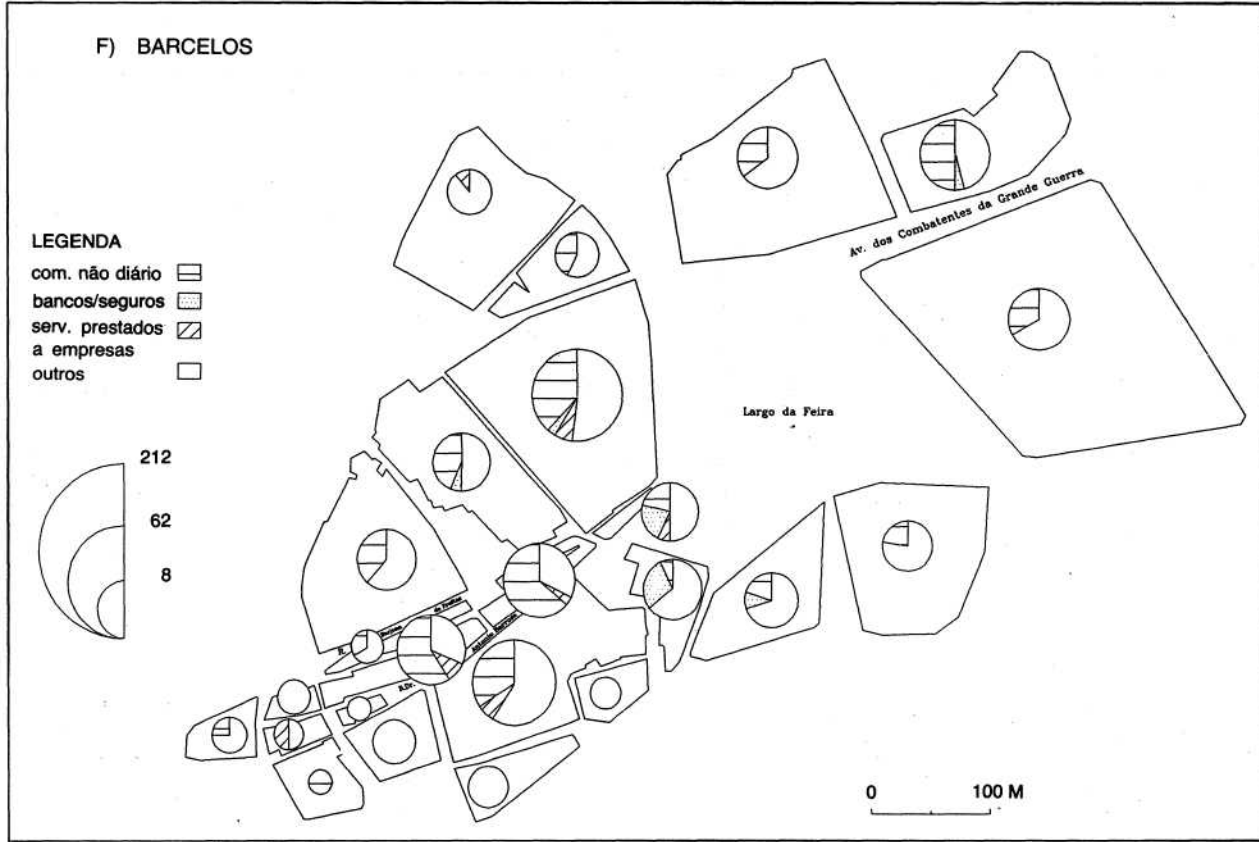
E) VIANA DO CASTELO

LEGENDA

- com. não diário
- bancos/seguros
- serv. prestados a empresas
- outros



José Alberto Fernandes



A área central dos aglomerados urbanos do noroeste de Portugal

distribuição mais equilibrada, se bem que seja notório o resultado do forte preenchimento dos rés-do-chão das ruas de Barjona de Freitas e Dr. António de Freitas (destinada ao tráfego de peões, exclusivamente). De facto, é entre estas ruas que se situam os quarteirões com maior número de estabelecimentos por 100 metros de fachada, maior percentagem de estabelecimentos comerciais e é afinal junto a elas que existem quarteirões onde o conjunto de actividades seleccionadas ocupa mais de metade do total dos estabelecimentos.

Do que atrás ficou dito, pode-se concluir que tanto a individualidade dos aglomerados urbanos como as características da sua área de influência se projectam nas dissemelhanças de organização das estruturas funcionais e no peso relativo dos conjuntos de actividades considerados na área central.

Alguns traços comuns podem todavia ser detacados. Sublinha-se um processo de crescimento que passa por uma extensão territorial que privilegia os edifícios recentes, designadamente os que se situam nos principais eixos de aferência ao centro da cidade. A tendência dá-se no sentido da perda de significado dos centros históricos, como é particularmente visível em Braga e Guimarães.

De qualquer forma, é possível diferenciar no Noroeste de Portugal as áreas centrais estudadas, podendo-se estabelecer uma estreita correspondência entre as suas principais características e o nível hierárquico das cidades a que pertencem.

A «Baixa» do Porto evidencia o papel de capital regional da cidade, através de uma forte concentração dos estabelecimentos (em número próximo a 4.000), de uma grande diversidade funcional e, sobretudo, através do seu grau de especialização. A organização espacial revela igualmente a importância desta área, através de uma segregação das actividades que conduz a uma marcada heterogeneidade funcional e leva, por vezes, a importantes concentrações segundo aruamentos, com a localização de bancos e seguros parecendo definir o local de máxima centralidade³.

A dinâmica de transformação é intensa e a congestão da área central leva à procura por parte das unidades funcionais de alternativas em outros locais da cidade, onde factores vários, designadamente o acréscimo de acessibilidade (fruto de alterações da rede viária e reforçado por rupturas de transporte), contribuem para o forte acrésci-

³ Esta heterogeneidade não encontra correspondência verticalmente, pelo facto de a maioria dos velhos edifícios intensamente ocupados comercialmente ao nível do rés-do-chão, terem os seus pavimentos superiores preenchidos por secções anexas dos estabelecimentos (áreas especializadas, gestão ou armazenagem), ou por residência, enquanto o conjunto de serviços prestados a empresas, procura sobretudo localizações periféricas, como já se fez alusão.

mo da importância funcional de áreas como a Boavista e o Campo Alegre.

Outro aspecto significativo e diferenciador é a estagnação e decadência funcional do centro histórico. Este processo tem-se entretanto vindo a inverter nos últimos anos, na sequência de intervenções urbanísticas, resultando numa recuperação funcional que permitiu vitalizar este espaço e tirar partido das potencialidades de um ambiente historicamente rico, tornando-o local privilegiado de convívio e animação nocturna dos portuenses, ao contrário da área central que fica quase deserta após o fecho dos estabelecimentos, já que são escassas as actividades capazes de atrair as populações para além do horário de encerramento do comércio.

Em Braga o «centro comercial» é o grande responsável pela expansão da área central, que ainda na década passada pouco mais significado tinha do que a envolvência da Rua do Souto. A política municipal adoptada, contribuiu para a sua rápida extensão durante a década de oitenta (donde urri considerável aumento do número de estabelecimentos - o total é actualmente superior a 1.000).

A segregação entre os diferentes usos do solo é ainda incipiente, com a fixação da banca no extremo nascente da Rua do Souto, na sua ligação com a Avenida Central, a tornar-se num forte elemento de clarificação na organização da área central.

Em Guimarães, que representa o nível seguinte (com 691 estabelecimentos), o processo de expansão da área central afigura-se muito semelhante ao de Braga e faz-se no sentido do aumento da importância da ocupação funcional fora do espaço definido pela antiga cerca muralhada, se bem que muitos dos estabelecimentos se situem ainda no traçado da muralha, voltados para a fachada exterior (sobre a Praça do Toural e a Rua Santo António, designadamente).

Na Póvoa de Varzim, a massificação do turismo de veraneio - fruto de variações nos hábitos e aspirações, tanto individuais como colectivas, e também de um aumento sensível do poder de compra - tem sido a principal responsável pelo aparecimento de estruturas de apoio, algumas das quais subtilizadas durante parte do ano.

O interesse pela proximidade do litoral é marcante e a ocupação funcional concorre directamente com a residência de classe alta (secundária, em muitos casos), num processo que tem implicado o alongamento da área central.

Tanto as áreas centrais de Viana do Castelo como de Barcelos - onde o número total de estabelecimentos é próximo dos 300 - devem muito da sua evolução recente à possibilidade de construção na proximidade da estação de caminho-de-ferro de edifícios que vão suportar importante número de unidades funcionais. Desta forma, as áreas

centrais estendem-se para Norte e Este, respectivamente, à custa de estabelecimentos com melhor apresentação e maior especialização.

Em termos diacrónicos, vão ocorrendo alterações sensíveis em todas as áreas centrais, quer espacialmente, quer em relação ao tipo e «qualidade» da oferta. Salvo alterações sensíveis, motivadas pela alteração generalizada dos hábitos (como o de dispender parte do Verão na praia, por exemplo), não é de esperar que as mudanças acontecidas provoquem grandes diferenças na hierarquia dos aglomerados urbanos. Antes, somos levados a crer que as alterações se verificam na hierarquia das actividades terciárias e que a «novidade» continuará a ser característica das cidades de nível mais elevado.

O aumento da população, um maior poder de compra, bem como as alterações no comportamento e no tipo de solicitações do comprador, constituem o grande motor da crescente especialização e diversificação funcional das cidades de nível inferior e, simultaneamente, ao criar novas e/ou ao renovar aspirações, reforçam a importância do nível hierárquico superior.

Dá-se assim a deslocação de todos os elementos do sistema urbano, com poucas alterações das suas posições relativas, num processo de contínuo aumento da oferta, acompanhado por uma especialização e diversificação crescentes, que procuram ir ao encontro das solicitações do consumidor⁴.

Por outro lado, os reflexos em termos de rearranjo do espaço urbano são manifestos e, salvaguardados alguns casos onde o crescimento particularmente rápido é motivado por razões que actuam de forma pontual, apesar da reconhecida especificidade do passado histórico que confere a cada cidade (e à sua área central) uma individualidade própria, parece possível esboçar as linhas gerais de um percurso de contínua alteração da estrutura funcional.

Assim, em Barcelos e Viana do Castelo, a área central identifica-se ainda em grande medida com o centro histórico; em Braga e em Guimarães detecta-se um movimento tendente ao esvaziamento funcional do centro histórico⁵; enquanto no Porto à quase desertificação funcional segue-se, actualmente, um processo de revitalização do tecido mais antigo.

⁴ A manutenção do nível superior é igualmente acentuada pelo facto de algumas funções centrais, ou determinadas infraestruturas e equipamentos, permanecerem sempre num nível hierárquico superior, por se relacionarem intimamente com uma capital regional, um aeroporto internacional ou outra infraestrutura dificilmente alargável a outra cidade, sem esquecer que a própria estrutura de certas empresas (bancos e seguros, por exemplo) privilegiam determinados níveis, contribuindo para a perpetuação da hierarquia.

⁵ Os processos são todavia diversos, face a políticas diferenciadas postas em prática por cada um dos municípios na recuperação dos respectivos centros históricos.

Parece igualmente evidente que numa primeira fase a área central concentra praticamente a totalidade da oferta de bens e serviços de procura ocasional e excepcional, constituindo o único núcleo funcional de relevo (como em Barcelos, Viana do Castelo e Guimarães). Acompanhando o crescimento da cidade, assiste-se à formação de núcleos secundários, como por exemplo em Braga, onde nos últimos anos se tem acentuado visivelmente o significado funcional de Maximinos. A um nível superior, haverá tendência a uma desconcentração da ocupação funcional - sem a perda de significado da área central e dos núcleos secundários - num movimento resultante da procura de espaços de maior desafogo e prestígio, desencadeando a formação de pequenos núcleos especializados.

BIBLIOGRAFIA:

- AUSTRUY, C. - *VÉvolution du Commerce de Détail à Albi*, «*Révue Géographique des Pyrénées e du Sud-Oest*». Tomo 58, Fase. 1, Toulouse, 1917.
- BROWN, S. - *Institutional Change in Retailing: a Geographical Interpretation*, «*Progress in Human Geography*», Bungay, Richard Clay, vol. 11, n. 2, Junho, 1987, p. 181-206.
- D A VIS, R. L. - *Structural Models of Retail Distribution*, London, Institute of British Geographers, 1972.
- FERNANDES, J. A.; MARTINS, L. P. - *Centros Urbanos e Identidade Regional*, 2.^{as} Jornadas do Norte de Portugal-Aquitânia, Bordéus, 1988 (no prelo).
- GASPAR, J. - *A dinâmica funcional do centro de Lisboa*, «*Finisterra*», Lisboa, C.E.G., vol. XI, n.º 21, 1975, p. 37-150.
- GASPAR, J., et ai - *Centros de comércio e serviços na cidade de Lisboa*, «*Finisterra*», Lisboa, C.E.G., vol. X, n.º 20, 1975, p. 230-272.
- MARQUES, H.; FERNANDES, J. A.; MARTINS, L. P. - *A Variação da Densidade Populacional com a Distância ao Centro nos Aglomerados do Porto, Braga, Guimarães e Viana do Castelo*, 1.^{as} Jornadas de Estudo do Norte de Portugal - Aquitânia, Porto, 1984.
- MARTINS, L. P. - *Níveis Urbanos no Noroeste de Portugal*, Porto, ORTNOP-INIC, 1985.

RESUMO

As áreas centrais dos aglomerados urbanos constituem o foco da animação social, cultural e económica da cidade e da região. Nelas se reflecte uma boa parte da evolução sofrida pelos aglomerados e são também, entre as diferentes áreas urbanas, aquelas onde as mutações são constantes e mais significativas.

Para as cidades do Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim e Barcelos, faz-se uma leitura da expressão e importância das suas áreas centrais e da forma como se distribuem as diferentes actividades que as ocupam.

RESUME

Les centres urbains constituent les noyaux de Panimation sociale, culturelle et économique de la ville et de la région. Ils reflectent une grande partie de l'évolution parcourue par les villes. Parmi les différents espaces intra-urbains, les centres villes sont ceux où les mutations sont constantes et les plus significatives.

En ce qui concerne Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim et Barcelos, on fait une lecture de l'expression et de l'importance de leurs centres, de même que l'on analyse la distribution spatiale des diverses activités qui existent dans ces mêmes centres.

SUMMARY

The urban centre constitutes the focal point of the social, cultural and economic life of a town or region. It reflects, to a large degree, the evolution of towns: of the different urban areas, it is the one in which changes are constant and more significant.

This article analyses the expression and importance of the centres of Oporto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim and Barcelos and also discusses the distribution of different activities in those centres.